



## Discurso didático: um modelo para descrição do sentido pela semântica argumentativa

# 3

Tânia Maris de Azevedo\*

**Resumo:** Este artigo visa a apresentar sucintamente o modelo teórico-metodológico para a descrição do sentido do discurso – criado por Azevedo (2006), com base na Semântica Argumentativa, de Ducrot – cuja testagem constituiu-se no cerne da pesquisa<sup>1</sup> desenvolvida por Azevedo e Rowell desde 2007. O *corpus* da pesquisa são textos de tipo explicativo veiculados em livros didáticos destinados aos anos finais (6º ao 9º) do Ensino Fundamental. Dito isso, nos propomos, neste artigo, a apresentar o referido modelo, a fim de: (a) divulgar, ao menos parcialmente, os resultados da referida pesquisa, que se encontra em fase de conclusão; e (b) apontar mais uma possibilidade de, após a devida transposição didática, subsidiar professores para uma intervenção pedagógica mais significativa e eficaz no que tange ao desenvolvimento das habilidades de leitura desse tipo de texto, já que é pela compreensão leitora que se dá, no contexto escolar, a maior parte das aprendizagens em todos os componentes curriculares.

**Palavras-chave:** Descrição semântico-argumentativa. Discurso didático. Modelo teórico-metodológico.

**Resumen:** Este artículo visa presentar sucintamente el modelo teórico-metodológico para la descripción del sentido del discurso – creado por Tânia Maris de Azevedo, con base en la Semántica Argumentativa, de Oswald Ducrot – cuya aplicación se constituye en el eje de la investigación<sup>2</sup> desarrollada por Azevedo y Rowell desde 2007. El *corpus* de la investigación son textos del tipo explicativo que integran libros didáticos destinados a los años finales (6º al 9º) del *Ensino Fundamental*. Dicho eso, nos proponemos, en este artículo, presentar el referido modelo, a fin de: (a) divulgar, al menos parcialmente, los resultados de la referida investigación que se encuentra en fase de conclusión; y (b) apuntar una posibilidad más de, tras la devida

\* Doutora, professora no Programa de Pós-Graduação em Educação e no curso de Letras. *E-mail:* tmazeved@ucs.br

<sup>1</sup> Apoiada pelo CNPq.

<sup>2</sup> Subsidiada por el CNPq.



transposición didáctica, subsidiar profesores para una intervención pedagógica más significativa y eficaz en lo que atañe al desarrollo de las habilidades de lectura de ese tipo de texto, ya que es por la comprensión lectora que ocurre, en el contexto escolar, la mayor parte de los aprendizajes en todos los componentes curriculares.

**Palabras-clave:** Descripción semántico-argumentativa. Discurso didáctico. Modelo teórico-metodológico.

## 1 Introdução

Todo falante nativo é capaz de, pela leitura<sup>3</sup>, identificar e reconhecer um texto, bem como distingui-lo de um “não texto”<sup>4</sup>. No entanto, em total descompasso com essa habilidade dos falantes estão as dificuldades de muitos deles em compreender e produzir o que chamam *texto*.

Ciente dessas dificuldades, Azevedo (2006) propõe, em sua tese de doutorado<sup>5</sup>, o redimensionamento de alguns conceitos metodológico-operacionais da *Teoria da Argumentação na Língua* (TAL), de Ducrot e Carel<sup>6</sup>, com a finalidade de aplicá-la à descrição semântico-argumentativa do discurso.

Tal redimensionamento deu origem a um novo modelo teórico-metodológico, cuja construção se justificou pelo fato de que a referida teoria foi proposta para a descrição semântica de unidades linguísticas de nível simples como a *palavra* e o *enunciado*, não abarcando, portanto, o nível complexo da realização linguística representado pelo *discurso*.

Consequência natural de uma investigação é a testagem do modelo criado. Na direção dessa testagem, é que se configura o presente artigo, no qual pretendemos apresentar uma aplicação do modelo proposto por Azevedo (2006) para a descrição do sentido de um discurso extraído de um livro didático.

Passamos, então, a apresentar sucintamente o referido modelo para, a partir daí, descrever a significação da estrutura argumentativa subjacente a esse discurso: a significação do *texto*.

<sup>3</sup> Não entraremos aqui no mérito da discussão sobre a existência de textos orais ou escritos, já que o que nos interessa é a estrutura semântica subjacente ao texto, independentemente de sua forma de realização. Quando mencionamos leitura e/ou produção, estamos nos referindo a texto escrito, que é, inclusive, a referência mais comum.

<sup>4</sup> Aqui, novamente, não discutiremos o conceito de *não-texto*, o qual será utilizado na sua acepção mais empírica.

<sup>5</sup> Publicada sob o título *Em busca do sentido do discurso*. Caxias do Sul: Educus, 2006.

<sup>6</sup> Mais especificamente, de sua última versão, a *Teoria dos Blocos Semânticos* (TBS).



## 2 Alguns fundamentos

A utilização do par de conceitos *texto/discurso* por Azevedo (2006) tem como primeiro alicerce a distinção feita e mantida por Ducrot ao longo de seus estudos<sup>7</sup> (e cuja base, segundo ele mesmo, está na oposição *língua/fala*, de Saussure) entre *material linguístico* e *realização linguística*. *Material linguístico* é o correspondente à *língua* saussuriana, ou seja, uma espécie de conjunto sistêmico de estruturas, de entidades abstratas, o qual persiste nos múltiplos empregos que o falante faz de uma dada língua. Contrastivamente, *realização linguística* (equivalente à *fala*, em Saussure) é o que pode ser observado pelo pesquisador, uma vez que é a concretização, pelas produções do falante, daquelas estruturas que constituem o *material linguístico* do qual ele dispõe para suas interlocuções consigo mesmo, com os outros e com o mundo.

A partir daí, Ducrot (1984) define, na mesma relação de oposição, *frase/enunciado*: (a) *frase* (e, analogamente, neste trabalho, *texto*), como o *material linguístico*, a entidade abstrata, de nível teórico-metodológico, criada pelo linguista<sup>8</sup> para descrever o sentido dos enunciados de uma língua; e (b) *enunciado* (equivalente ao que chamamos, no âmbito deste estudo, *discurso*), como manifestação *datada, circunstancial*, entidade concreta que se constitui uma das múltiplas possibilidades de realização da *frase*.

O segundo elemento balizador para a distinção *texto/discurso* é proposto por Ducrot (1984)<sup>9</sup> quando afirma que a *realização linguística* ocorre em dois níveis: o nível *elementar*, do qual fazem parte a *frase* e o *enunciado*; e o nível *complexo*, constituído pelo *texto*, como sequência<sup>10</sup> de frases, logo, igualmente compreendido como entidade abstrata subjacente aos discursos realizados, e pelo *discurso*, como sequência de enunciados interligados, por isso, também entendido como entidade concreta, realização do *texto*.

<sup>7</sup> Cf. Azevedo (2002).

<sup>8</sup> Ou *abstraída* por ele desde sua observação das *realizações* produzidas pelos falantes.

<sup>9</sup> E que acreditamos válido, inclusive, para a versão mais recente da Semântica Argumentativa, a *Teoria dos Blocos Semânticos*.

<sup>10</sup> *Sequência*, aqui, não deve ser entendida como *ordem* ou *soma*, mas como *segmento, conjunto sistêmico*, isto é, um *todo* cujas *partes* estão intimamente relacionadas e que é impossível de ser assim reconhecido senão pela interdependência de seus constituintes.



Para diferenciar esses dois níveis da realização linguística, Ducrot (1984) propõe caracterizar uma sequência de signos como sendo de nível simples quando o locutor *põe em cena* um único ato de enunciação, produzindo, portanto, apenas um *enunciado*. De nível complexo, é por ele considerada a produção do locutor que resulta em uma sequência de enunciados interconectados, na qual uns se apoiam nos outros recursivamente, isto é, a atualização dessa sequência deverá redundar num *discurso*.

A *Teoria dos Blocos Semânticos*, desenvolvida por Marion Carel e Oswald Ducrot, só vem corroborar essa ideia de complexidade e de interconectividade do *texto* e do *discurso*, pois sustenta que a relação argumento-conclusão, anteriormente descrita como de justificação, é, na verdade, de interdependência semântica, pois se o argumento adquire sentido em função da conclusão que convoca, o sentido da conclusão só se define em função do argumento ao qual se relaciona. Nessa perspectiva, a argumentação se caracteriza pela interdependência de sentido dos segmentos argumento e conclusão que compõem, justamente por essa interdependência, um *encadeamento argumentativo*, podendo este assumir duas formas (que, por seu turno, expressam dois aspectos, o normativo e o transgressivo): *A DC C* e *A PT neg-C*,<sup>11</sup> em que *A* é o segmento-argumento, *C* o segmento-conclusão, *DC* ou *PT* os conectores *DONC* ou *POURTANT* e *neg*, o indicador da negação. Esses encadeamentos são realizações de uma mesma entidade semântica unitária e indivisível: o *bloco semântico*.

Nos limites deste estudo, *texto* e *discurso* são, pois, compreendidos como duas unidades linguísticas semanticamente complexas que se constituem de uma rede de relações estabelecida entre subunidades interconectadas recursivamente – frases e enunciados, blocos e encadeamentos – e dotadas de sentido somente na medida em que contribuem para a descrição do sentido da unidade maior. Na verdade, *texto* e *discurso* são sistemas que só poderão ser compreendidos ao ser interpretada cada uma de suas partes, bem como as relações existentes entre essas partes; ou melhor: cada parte, dada a complexidade do

<sup>11</sup> DC é a abreviatura usada por Ducrot e Carel para o conector DONC, que, em Português, na maioria dos casos, equivaleria a PORTANTO, enquanto PT é usada para o conector POURTANT, cujo equivalente em Português seria, normalmente, NO ENTANTO. No âmbito deste trabalho, por se tratar de uma entidade abstrata teoricamente criada – logo, uma metalinguagem –, preferimos manter as abreviaturas em Francês.



próprio sistema, só poderá ser compreendida, só adquirirá sentido na(s) relação(ões) que estabelece com as demais, logo, com o todo.<sup>12</sup>

Além disso, usaremos o termo *significação* para referir o valor semântico das unidades abstratas – a *frase*, o *bloco* e o *texto* – e o termo *sentido* para o valor semântico das entidades concretas – o *enunciado*, o *encadeamento* e o *discurso*.

Um esclarecimento necessário: uma pesquisa fundada sobre a simulação, de acordo com Ducrot (1973),<sup>13</sup> conduz à elaboração de dois tipos de hipótese. As *hipóteses externas*, que nada mais são do que o aporte teórico estudado e conhecido pelo qual se observa o fenômeno escolhido como objeto de estudo. O segundo tipo de hipótese é o que concerne às *hipóteses internas*, referentes à própria construção da teoria criada para descrever e explicar o fenômeno observado. Conforme Ducrot (1994, p. 117), a formulação das hipóteses internas implica criar entidades abstratas, estabelecer sua correspondência com os observáveis e construir um aparato formal que possibilite calcular, entre entidades abstratas, relações semelhantes àquelas postuladas entre os observáveis correlativos.

É importante salientar que as hipóteses internas<sup>14</sup> implicam (é o que o autor chama seu *custo teórico*) as externas<sup>15</sup>: “em se admitindo tal hipótese interna, deve-se admitir tal hipótese externa; em se admitindo tal modelo, devem-se ver os fenômenos linguageiros de tal forma; ou ainda, tal teoria implica tal viés na observação [...]” (DUCROT, 1987, p. 51).

Dito isso, passamos a explicitar as proposições da *Teoria da Polifonia* e da *Teoria dos Blocos Semânticos* que serviram de hipóteses externas para a elaboração das hipóteses internas de descrição semântica para as entidades linguísticas complexas (o *texto* e o *discurso*) propostas por Azevedo (2006) e que direcionam a análise do discurso didático apresentada neste artigo.

<sup>12</sup> Eis aqui, mais uma vez, o princípio estruturalista saussuriano da *relação*, mantido por Ducrot e Carel, que explicitam, ao longo de suas publicações, a filiação estruturalista de seus estudos, e, como decorrência, por Azevedo (2006). Tal princípio (cf. AZEVEDO, 2006, p. 20), vale relembrar, consiste em propor que um fenômeno só se define, só adquire identidade pelas relações, quer de analogia, quer de oposição, que mantém com outros fenômenos da mesma estrutura, do mesmo sistema.

<sup>13</sup> Data de publicação do texto original correspondente ao capítulo III – A Descrição Semântica em Linguística – de *O dizer e o dito*, publicado, em Português, em Ducrot, 1987.

<sup>14</sup> Cf. Ducrot (1987, p. 51) – artigo publicado originalmente em 1973.

<sup>15</sup> Idem.



### 3 As hipóteses externas

Indicaremos, a seguir, as hipóteses internas da *Teoria da Argumentação na Língua* (TAL) que, nos limites deste estudo, adquirem a configuração de hipóteses externas.

A primeira delas, que funda a Semântica Argumentativa, sendo defendida e desenvolvida até hoje, é chamada por Azevedo (2006, p. 131) HE1 e pode ser assim formulada: “a argumentação está na língua”.

Para os teóricos da TAL, no próprio sistema linguístico que rege toda a produção linguageira está inscrita a argumentação e só é possível descrever a significação das entidades que compõem esse sistema pelas relações argumentativas que mantêm umas com as outras.

Dada HE1, conforme Azevedo (2006, p. 131), a hipótese externa HE2 passa a ser: “O sentido de uma entidade lingüística concreta pode ser descrito em termos de encadeamento argumentativo, este composto de um segmento-argumento e um segmento-conclusão, os quais mantêm entre si uma relação de interdependência semântica”. Formulada no que concerne às entidades lingüísticas abstratas, HE2 é assim expressa: “A significação de uma entidade lingüística abstrata pode ser descrita pela relação entre dois conceitos, que formam um bloco semântico, unitário e indivisível”.

Como diz Carel (1998, p. 269), é somente de forma conjunta que os dois segmentos, argumento e conclusão, têm sentido. O que a autora considera fundamental é que

os dois segmentos de um encadeamento com *pourtant* compartilham com os dois segmentos de um encadeamento com *donc* a propriedade de ser interpretáveis somente de forma conjunta: da mesma forma que o encadeamento com *donc*, é o encadeamento com *pourtant* o que tem sentido, e não os segmentos que esse conector une. (CAREL apud AZEVEDO, 2006).

A autora, nesse mesmo artigo, afirma que o que há de comum entre *A DC C* e *A PT neg-C* é o fato de ambos os encadeamentos serem duas realizações diferentes de uma mesma entidade semântica. Os dois encadeamentos realizam um mesmo *bloco semântico*, e é por meio dessa entidade abstrata que se pode descrever o sentido das entidades concretas de uma língua (o *enunciado* e o *discurso*).



Desde essa perspectiva, o *encadeamento* é uma estrutura sintática que se constitui na realização de uma entidade semântica unitária: o *bloco semântico*, este como expressão do valor semântico de uma entidade linguística.

Derivada de HE1 e de HE2, HE3 assume a seguinte forma: “O valor semântico de uma entidade linguística abstrata (sua significação) deverá ser descrito a partir do valor semântico (do sentido) de, pelo menos, uma das entidades linguísticas concretas que a realizam.” (AZEVEDO, 2006, p. 133).

Tanto já foi dito aqui sobre o conteúdo dessa hipótese que não vemos necessidade de explicá-la mais uma vez. No entanto, é preciso referir que Azevedo (2006, p. 133) percebe nela imbricadas duas outras hipóteses (chamadas *sub-hipóteses*) que devem ser explicitadas. São elas: “HE3.1, a significação de uma entidade abstrata, seja ela de nível elementar ou complexo, corresponde às possibilidades de formação de blocos semânticos que essa entidade é capaz de gerar;” e “HE3.2, o sentido de uma entidade concreta, de nível elementar ou complexo, equivale aos encadeamentos argumentativos por ela realizados desde os blocos semânticos inscritos/previstos no sistema linguístico”.

Dadas tais hipóteses, apresentamos as hipóteses internas criadas por Azevedo (2006), isto é, o modelo teórico-metodológico para a descrição do sentido dos discursos de uma língua.

#### 4 As hipóteses internas

Tendo por fundamento primeiro o conteúdo de HE1 – que a língua traz nela inscrita a argumentação –, a primeira hipótese interna proposta por Azevedo (2006, p. 134) foi assim explicitada: “HI1 – a Teoria da Argumentação na Língua (TAL) fornece mecanismos para a descrição de entidades linguísticas complexas como o texto e o discurso.”

Pensamos que a evolução da TAL, mais especificamente com a elaboração da *Teoria dos Blocos Semânticos*, não significou o abandono ou a negação de todos os pressupostos e conceitos das versões anteriores. Nesse sentido, acreditamos que as “ferramentas” criadas por essa teoria sejam perfeitamente capazes de viabilizar a descrição semântica de entidades complexas como o *discurso*.



A primeira dessas ferramentas é o par de conceitos *encadeamento argumentativo/bloco semântico*, e a segunda é a *concepção polifônica do sentido*, com os conceitos de que fazemos uso.

Com a proposta de Carel é que a TAL passou a ver o *encadeamento argumentativo* como a inter-relação semântica dos segmentos argumento e conclusão, como a realização de uma entidade indivisível, o *bloco semântico*. Consequentemente, a argumentação passou a ser vista como puramente linguística, representando unicamente “as restrições nas quais nos encerra o discurso, e as possibilidades que nos abre”. (CAREL, 1998, p. 296). “Argumentar” desde a nova versão (CAREL, 1997, p. 33), consiste apenas em convocar blocos semânticos e tornar os encadeamentos que os realizam coerentes com esses blocos.

Diante disso, Azevedo (2006) propõe que essa mesma entidade semântica atualizada pelos enunciados de uma língua seja também atualizada pelos discursos dessa mesma língua, que um *discurso* realize linguisticamente um *texto*, entidade abstrata que poderia ser traduzida em um bloco semântico.

Vejam, agora, a segunda “ferramenta”: o conceito de *polifonia* e a correspondente concepção polifônica do sentido.

Ducrot sempre defendeu a tese de que os enunciados são polifônicos, no sentido de que põem em cena, por meio de um locutor, várias vozes, vários pontos de vista aos quais ele chamou “enunciadores”. Ora, se a argumentação está prevista na língua, determinando, portanto, a significação de suas entidades, o sentido de um enunciado, nessa perspectiva, é descrito pela posição que o locutor assume em relação aos vários pontos de vista que enuncia.

Consoante a concepção polifônica do sentido, descrever semanticamente um enunciado consiste

em responder a diversas perguntas: o enunciado contém a *função locutor?*, a quem se atribui essa função?, a quem se assimila o locutor?, quais são os diferentes pontos de vista expressos, quer dizer, quais são as diferentes *funções de enunciação* presentes no enunciado?, a quem se atribuem eventualmente essas funções?

Chamo *enunciadores* às origens dos diferentes pontos de vista que se apresentam no enunciado. Não são pessoas, mas “pontos de perspectiva” abstratos. O locutor mesmo pode ser identificado com alguns desses enunciadores, mas, na maioria dos casos, os apresenta guardando certa distância deles. (DUCROT apud AZEVEDO, 2006).





Com efeito, *locutor* e *enunciador* são outras duas entidades teoricamente criadas para a descrição semântica de uma língua. Responder às perguntas lançadas por Ducrot significa recuperar, pela entidade concreta (*enunciado* produzido), as entidades semânticas abstratas inscritas no sistema linguístico, aqui o *locutor* e os *enunciadores*, entidades estas que possibilitam a produção do enunciado. Além disso, quando Ducrot propõe essas funções de *locutor* e *enunciador*, fica mais uma vez evidente a argumentatividade da língua, já que o jogo encenado pelo locutor e seus enunciadores expressa qual é o ponto de vista assumido pelo locutor dentre aqueles que ele atualiza, pondo em evidência o que está sendo defendido pelo locutor, em que direção ele está argumentando.

Diante da possibilidade de associação da *Teoria dos Blocos Semânticos* e da *Teoria da Polifonia* para a descrição semântica do *discurso*, Azevedo (2006, p. 140) constrói sua segunda hipótese interna, “**HI2**: o valor semântico do texto, enquanto entidade abstrata subjacente aos discursos produzidos, pode ser descrito em termos de bloco, a partir do valor semântico dos discursos que realizam o *texto*, isto é, desde os encadeamentos argumentativos que atualizam os blocos semânticos previstos no sistema linguístico.”

Azevedo (2006) entende (em consonância com a versão mais recente da TAL) o valor semântico das entidades linguísticas concretas – o sentido do *enunciado* e do *discurso* – como o encadeamento argumentativo realizado de acordo com a posição do locutor responsável pela enunciação dessas entidades. Dito isso, a autora propõe que o valor semântico das entidades linguísticas abstratas, a significação da *frase* e do *texto*, corresponda ao bloco semântico unitário e indivisível previsto na língua e atualizado pela enunciação do discurso.

Tomando por base as hipóteses externas e as duas hipóteses internas já formuladas, a autora elabora sua terceira hipótese interna, “**HI3**: o texto é um bloco semântico – como tal, inscrito no sistema linguístico – realizado pelo encadeamento argumentativo complexo que é o discurso.” (AZEVEDO, 2006, p. 144)

Para tornar HI3 mais clara e compreensível, Azevedo (2006) a subdivide em hipóteses internas mais específicas, cuja (re)união deverá resultar na comprovação desta terceira hipótese interna.

Nesse sentido, Azevedo (2006, p. 144-145) estabelece que **HI3.1** assumirá a seguinte forma: “O discurso, como encadeamento argumentativo complexo, é composto de subencadeamentos, estes



igualmente argumentativos, já que compreendidos como a inter-relação semântica de um segmento-argumento e um segmento-conclusão.”

Se Carel e Ducrot usam a expressão *encadeamento argumentativo* para referir a argumentação realizada pelas palavras plenas e pelos enunciados de uma língua, ao pretender descrever a argumentação posta em cena pelo discurso e reconhecendo nele uma unidade semântica, Azevedo precisa se valer dessa mesma expressão. Entretanto, não pode deixar de ver o discurso como um encadeamento argumentativo complexo, logo, composto de encadeamentos menores – estes do nível do enunciado ou mesmo das palavras plenas – que cumprem o papel de, ao se encadearem, revelar a totalidade do sentido do discurso.

Optou, então, por chamar esses encadeamentos mais específicos constituintes do discurso de *subencadeamentos* devido a duas razões:

Primeiro, por perceber neles uma unidade semântica semelhante àquela percebida pelos teóricos da TAL quando descrevem o sentido do enunciado. Digo semelhante, porque, para mim, no âmbito da descrição semântica do discurso, um subencadeamento pode não coincidir com os limites de um enunciado, mas pode congrega vários enunciados, uma vez que cada subencadeamento – composto de um ou vários encadeamentos, estes, agora, como a TAL os descreve atualmente – deverá, no mínimo, encadear-se com outro(s) até formar um dos segmentos (argumento ou conclusão) do encadeamento global que é o discurso. Desde essa perspectiva, precisei criar essa nomenclatura para diferenciar o subencadeamento da complexa estrutura semântico-argumentativa que é o encadeamento no nível do discurso. (AZEVEDO, 2006, p. 145).

A segunda razão apontada pela autora para usar o termo *subencadeamento* diz respeito à sua função na descrição do sentido global do *discurso*. Um discurso é um sistema semântico organicamente estruturado, uma totalidade composta de partes inter-relacionadas, que, mesmo nessa interação, não perdem as propriedades que lhes possibilitam ser percebidas como unidades, mas que, simultaneamente, precisam ser compreendidas e descritas à luz de sua função de formar esse todo. O subencadeamento só é assim percebido por contribuir para a construção do encadeamento global que constitui o sentido do *discurso*.

Mas como chegar ao encadeamento argumentativo que põe à mostra o sentido total do discurso? Azevedo (2006, p. 146-147) aponta a



concepção polifônica do sentido como critério para a identificação do encadeamento global do *discurso*, encadeamento este que se constitui na realização do bloco semântico que é o *texto*. Nessa direção, formula “**HI3.2:** o encadeamento argumentativo que expressa o sentido global do discurso expressa igualmente o ponto de vista (o enunciador) assumido pelo locutor desse discurso.”

Se o enunciado, conforme propõe a TAL, manifesta uma pluralidade de vozes, de pontos de vista postos em cena pelo locutor, no discurso o conteúdo de HI3.2 fica ainda mais evidente. Até mesmo pela seleção dos subencadeamentos e pela disposição destes para a configuração do encadeamento global, essa multiplicidade de pontos de perspectiva se faz notar.

Se assim é, Azevedo acredita não ser possível identificar o encadeamento argumentativo que confere ao discurso uma unidade semântica se esse não expressar o ponto de vista pelo qual o locutor desse discurso se responsabiliza.

Resta ainda uma questão: como segmentar um discurso D em subencadeamentos? Para responder a essa pergunta, Azevedo (2006, p. 149-150) formula, então, “**HI4:** a segmentação do discurso em subencadeamentos é feita com base na condição de que os subencadeamentos assim se configurem por contribuírem para a constituição e a conseqüente interconexão dos segmentos argumento e conclusão os quais formam o encadeamento argumentativo complexo que expressa o sentido global do discurso.”

A complexidade dessa hipótese exige uma explicação igualmente complexa. Baseada no princípio estruturalista da relação, Azevedo afirma que um subencadeamento só se define como tal na sua relação com os demais subencadeamentos e com o encadeamento argumentativo global. Nesse sentido, um subencadeamento só será assim reconhecido quando, pelo menos, contribuir para a formação de um dos segmentos do encadeamento global, ou para sua interconexão. Por isso, a extensão de um subencadeamento, segundo a proposta da autora, é variável e não há como, de antemão, determiná-la. Um subencadeamento pode ser composto de um, de dois ou mais encadeamentos do nível do enunciado ou mesmo da palavra, dependendo sempre do papel que cumpre na constituição/estruturação/organização do *discurso* enquanto encadeamento global, e é este que, semanticamente, vai determinar a configuração dos subencadeamentos.



Em termos de entidades abstratas, o subencadeamento é assim definido por colaborar na explicitação de um ou dos dois conceitos que, em relação, constituem-se no *bloco semântico*, no *texto*, realizado pelo *encadeamento*, pelo *discurso*.

O desenvolvimento dessas quatro hipóteses internas constitui, para Azevedo (2006), o modelo teórico-metodológico para a descrição do sentido dos discursos produzidos com base em um determinado sistema linguístico.

No intuito de testar esse conjunto de hipóteses internas (HI), instituímos, sob a coordenação da professora Tânia Maris de Azevedo, a pesquisa intitulada “Discurso didático: testagem de um modelo para descrição do sentido pela Semântica Argumentativa”, desenvolvida desde 2007. Passemos, então, à apresentação dessa pesquisa, bem como dos resultados obtidos até o presente momento.

## 5 À guisa de testagem

Consequência natural de uma investigação que se pretende científica é a testagem do modelo criado para posterior aplicação como ferramenta a ser utilizada em novos processos investigativos. Essa testagem constituiu-se no tema da referida pesquisa, que, por sua vez, é apenas a primeira etapa de um estudo bem mais amplo rumo à transposição didática do referido modelo para o ensino de língua materna, fim último e essencial do processo investigativo ora implantado.

Diante disso, delimitou-se o tema da pesquisa como a descrição do sentido do discurso, entidade linguística de nível complexo<sup>16</sup>, a partir dos seguintes aspectos:

- a análise polifônica do sentido dos discursos;
- as diferentes formas de construção dos encadeamentos que constituem os enunciados no discurso;
- a construção dos subencadeamentos no discurso;
- as relações que se estabelecem entre os subencadeamentos para a constituição do encadeamento argumentativo global, que configura o sentido do discurso; e
- a relação entre a configuração do encadeamento argumentativo global do discurso e a posição assumida pelo locutor rente aos enunciadores que mobiliza para a produção do discurso.

<sup>16</sup> Tomando por base a definição do próprio Ducrot (1984).



O processo de testagem do modelo construído para a descrição do sentido do discurso está sendo efetivado por meio da análise das relações semântico-argumentativas e polifônicas que constituem encadeamentos, subencadeamentos e, finalmente, o encadeamento argumentativo global, o qual deve explicitar o sentido dos discursos didáticos que integram o *corpus*.

Como o objetivo final da investigação é o de pedagogicamente subsidiar professores para que usem os textos/discursos de que dispõem no sentido de facilitar e tornar mais significativas as aprendizagens de seus alunos, o *corpus* para a testagem do referido modelo foi constituído de discursos explicativos veiculados em livros didáticos dos diferentes componentes curriculares (Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia) destinados às séries finais do Ensino Fundamental, mais especialmente, 5ª e 7ª séries, no sentido de a análise poder abranger um intervalo mais significativo das quatro últimas séries desse nível de ensino, não se circunscrevendo a uma série em específico.

A seleção dos livros didáticos dos quais foram extraídos os discursos objeto de análise foi feita com base no que recomenda o Programa Nacional do Livro Didático (2007), do Ministério da Educação, sendo que foram escolhidas as coleções que apareceram elencadas em primeiro ou em segundo lugar, por disciplina curricular, conforme sua disponibilidade no mercado.

Foi analisado um discurso de cada livro didático, por disciplina e por série, o que totalizou um *corpus* de dez discursos, assim distribuídos:

Disciplinas	5ª. série	7ª. série
Língua Portuguesa	01	01
Matemática	01	01
Ciências	01	01
História	01	01
Geografia	01	01



Esse recorte deveu-se, em primeiro lugar, ao fato de que todos os livros didáticos, por instituírem-se instrumentos de ensino/aprendizagem, têm no texto explicativo o principal veículo dos conceitos a serem aprendidos e, em segundo lugar, deveu-se à necessidade de tornar mais competentes os leitores desse tipo de texto, já que é pela leitura que se dá, no contexto escolar, a maior parte das aprendizagens.

No âmbito da pesquisa, considerou-se texto explicativo, de acordo com Santos (1997), aquele que explicita a identificação da causa da qual o fenômeno em questão é o efeito, e cuja superestrutura pode ser algo como *x, porque y*.

Em terceiro lugar, mas não em uma escala de importância, é preciso dizer que a referida pesquisa não pretende pôr um fim à discussão acerca da leitura e da produção de textos/discursos, nem sequer apontar uma solução mágica para a consequente empreitada de ensinar (se é que isso é possível) a compreender e produzir tais entidades linguísticas. Nossa intenção é propor mais uma possibilidade – nem a melhor, nem, talvez, a mais simples ou adequada, apenas uma outra possibilidade – de caracterizar semanticamente esta entidade linguística complexa que é o *discurso*, para que, *a posteriori* e a partir desse outro olhar, possam, quem sabe, ser vislumbradas estratégias didáticas mais eficazes para o aprendizado da leitura e da produção escrita.

Em conformidade com a metodologia de análise semântico-argumentativa proposta por Ducrot, norteiam a pesquisa o conjunto de hipóteses externas e internas (explicitadas e explicadas acima), as quais apresentam entre si um estreito vínculo, sendo impossível admitir umas sem admitir as outras.

As análises semântico-argumentativas dos discursos foram realizadas de acordo com as seguintes etapas: (a) segmentação do discurso em encadeamentos e subencadeamentos argumentativos, por meio da análise polifônica do sentido; (b) identificação do encadeamento argumentativo que expressa a posição assumida pelo locutor frente aos enunciadores por ele postos em cena em cada enunciado que compõe o discurso analisado; (c) identificação dos blocos semânticos que cada encadeamento argumentativo atualiza; (d) identificação dos subencadeamentos mobilizados pelo locutor para a constituição do encadeamento argumentativo global do discurso em questão; (e) identificação dos blocos semânticos que cada subencadeamento argumentativo atualiza; (f) identificação do encadeamento argumentativo global do discurso analisado; (g) identificação do bloco semântico que o encadeamento



argumentativo global atualiza; (h) análise da relação existente entre o encadeamento argumentativo global do discurso e a posição assumida pelo locutor diante dos enunciadores por ele atualizados no discurso; e (i) verificação da pertinência e eficácia de cada hipótese interna para a descrição do sentido do discurso.

A pesquisa prevê que a consecução dessas etapas permite explicitar o sentido de cada discurso didático analisado e, com isso, corroborar as hipóteses internas de Azevedo (2006), ou seja, o modelo teórico-metodológico proposto para a descrição do sentido dos discursos de uma dada língua.

## 6 À guisa de conclusão

Acreditamos que, concluída a pesquisa “Discurso didático: testagem de um modelo para descrição do sentido pela Semântica Argumentativa”, testado o modelo e verificada sua aplicabilidade e viabilidade, corroborado, portanto, o conjunto de hipóteses (externas e internas) que o constituem, mais um passo terá sido dado na comprovação dos pressupostos da Semântica Argumentativa, bem como na direção de tornar esse modelo uma importante ferramenta para o ensino/aprendizagem da leitura e, porque não dizer, da produção escrita dos alunos do nível fundamental de ensino<sup>17</sup>.

Nesse sentido, outro processo de investigação já está em vias de implantação: trata-se de verificar a coincidência entre os conceitos que constituem o bloco semântico atualizado pelo encadeamento argumentativo global de cada discurso didático analisado e os conceitos científicos veiculados por esses discursos, justamente pelo fato de serem discursos produzidos com finalidade didática.

Julgamos que todo esse processo de pesquisa seja necessário antes de propormos a devida transposição didática do referido modelo para o fim maior a que se destina: o de subsidiar professores e aprendizes no que diz respeito ao desenvolvimento das habilidades de leitura e produção escrita dos mais variados gêneros discursivos.

<sup>17</sup> A referência ao nível fundamental é uma mera questão de prudência científica, uma vez que a pesquisa citada teve seu *corpus* circunscrito a discursos veiculados nesse nível de ensino. No entanto, cogitamos a aplicação do modelo criado por Azevedo a todo e qualquer discurso, ou gênero discursivo, independentemente do meio em que circula, pois, do contrário, estaríamos ferindo o princípio maior da Semântica Argumentativa, isto é, o de que a argumentação está inscrita no próprio sistema linguístico, no interior de cada entidade de uma dada língua.



## Referências

---

ANDREU, Sebastião. *Aprendendo a ler e escrever textos – 5ª. série*. Curitiba: Nova Didática, 2004. p. 119. (Coleção ALET).

ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. *La argumentación en la lengua*. Madrid: Gredos, 1994.

AZEVEDO, Tânia Maris de. *Em busca do sentido do discurso: a semântica argumentativa como uma possibilidade para a descrição do sentido do discurso*. Caxias do Sul: EducS, 2006.

\_\_\_\_\_. Os conceitos de texto e discurso em três momentos da teoria de Ducrot. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 123-134, set. 2002.

\_\_\_\_\_. *Argumentação, conceito e texto didático: uma relação possível*. Caxias do Sul: EducS, 2000.

CAREL, Marion. “Ocupate de Amélie”: empleo contrastivo de pero e ilustración. In: CAREL, M.; DUCROT, O. *La semántica argumentativa: una introducción a la teoría de los bloques semánticos*. Buenos Aires: Colihue, 2005. p. 187-219.

\_\_\_\_\_. Argumentación normativa y argumentación exceptiva. *Signo à Señal*, n. 9, p. 257-298, jun. 1998.

CAREL, Marion. L’argumentation dans le discours: argumenter n’est pas justifier. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 23-40, mar. 1997.

DUCROT, O. Argumentación interna y argumentación externa. In: CAREL, M.; DUCROT, O. *La semántica argumentativa: una introducción a la teoría de los bloques semánticos*. Buenos Aires: Colihue, 2005. p. 51-89.

\_\_\_\_\_. Argumentação e “topoi” argumentativos. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989.

\_\_\_\_\_. *Polifonia y argumentación – conferencias del seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso*. Cali: Universidad del Valle, 1988.

\_\_\_\_\_. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. Enunciação. *Enciclopédia EINAUDI: Linguagem-Enunciação*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984. v. 2; Linguagem – Enunciação, p. 368-393.

\_\_\_\_\_. *Les mots du discours*. Paris: Minuit, 1980.

DUCROT, O.; CAREL, M. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. In: PERRIN, Laurent. *Recherches linguistiques: le sens et ses voix*. Trad. de Leci B. Barbisan. Metz: Presses Universitaires de Metz, 2006. p. 215-243.





BRASIL. Ministério da Educação. *Guia de livros didáticos PNLD 2005*. (Anos Finais do Ensino Fundamental). Brasília, 2005.

NEGRONI, Maria Marta G. Acerca de los fenómenos de relectura y reinterpretación en el discurso. *Revista Iberoamericana de Discurso y Sociedad*, Barcelona, v. 2, n. 4, p. 89-108, dez. 2000.

\_\_\_\_\_. La negación metalingüística: argumentación, gradualidad y reinterpretación. In: *Signo à Seña*, n. 9, p. 227-254, jun. 1998.

SANTOS, Marcia M. C. *O texto explicativo: uma perspectiva de ação pedagógica*. Caxias do Sul: Educs, 1997.

